opusdei.org

Trabalhar bem, trabalhar por amor (15): A força do fermento

Quando lutamos por fazer bem o nosso trabalho aos olhos de Deus, por fazê-lo santo, estamos a melhorar o mundo, porque introduzimos nele a Caridade. Este editorial explica como o trabalho se converte assim em fermento.

07/04/2015

A sociedade é como um tecido de relações entre os homens. O trabalho, a família e as outras circunstâncias da vida criam uma rede de vínculos, em que a nossa existência se encontra como que *tecida*[1], de modo que quando procuramos santificar a profissão concreta, a situação familiar particular ou o resto dos deveres correntes, não estamos a santificar uma fibra isolada, mas todo o tecido social.

Este trabalho santificador converte os cristãos em poderoso fermento de ordenação do mundo, de modo que este reflete melhor o amor com que foi criado. Quando a caridade está presente em qualquer atividade humana, reduzem-se os espaços de egoísmo, principal fator de desordem no homem, nas suas relações com os outros e com as coisas. Assim, portadores do Amor do Pai no meio da sociedade, os fiéis leigos «estão aí

chamados por Deus a cumprir a seu próprio encargo, guiando-se pelo espírito evangélico, de modo que, como a levedura, contribuam, a partir de dentro, para santificação do mundo»[2].

A eficácia transformadora dessa levedura cristã no trabalho depende, em grande medida, de que cada um procure alcançar uma preparação adequada. Esta não deve limitar-se à instrução específica – técnica ou intelectual – que cada profissão requer. Há outros aspetos que, por serem imprescindíveis para alcançar uma verdadeira "competência" humana e cristã, influem diretíssimamente nas relações laborais e sociais que se originam à volta do trabalho e que são fundamentais para ordenar a Deus o tecido social.

Ser do mundo sem ser mundanos

O cristão que está chamado a santificar-se na sua profissão deve *ser do mundo*, mas não *ser mundano*. Procura o bem-estar temporal, mas não o considera como o bem supremo. Reconhece com realismo a presença do mal, mas não desanima quando o encontra, procura antes reparar e lutar com mais empenho para o purificar do pecado. ***Nunca deve faltar o entusiasmo, nem no vosso trabalho nem no vosso empenho por construir a cidade temporal. Ainda que, ao mesmo tempo, como discípulos de Cristo que* crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências *(*Gal *5, 24), procureis manter vivo o sentido do pecado e da reparação generosa, frente aos falsos otimismos dos que,* inimigos da cruz de Cristo *(*Flp *3, 18), baseiam tudo no progresso e nas energias humanas***[3].

"Ser do mundo", em sentido positivo, leva a ***ter espírito contemplativo no meio de todas as atividades humanas (...), tornando realidade este programa: quanto mais dentro do mundo estejamos, tanto mais temos que ser de Deus***[4]. Esta aspiração, longe de produzir retraimento diante das dificuldades do ambiente, impulsiona para uma maior audácia, fruto de uma presença de Deus mais intensa e constante. Porque somos *do mundo* e somos de Deus, não nos podemos fechar: «não é lícito aos cristãos abandonar a sua missão no mundo, como a alma não pode separar-se voluntariamente do corpo»[5]. S. Josemaria concretiza essa tarefa de cidadãos cristãos em ***contribuir para que o amor e a liberdade de Cristo presidam a todas as manifestações da vida moderna, a cultura e a economia, o trabalho e o descanso, a vida de família e a convivência social***[6].

Manifestação capital do espírito cristão – e mesmo simplesmente humano – é reconhecer que a plena felicidade humana se encontra na união com Deus, não na posse de bens terrenos. É justamente o contrário de *ser mundano*. O mundano põe todo o coração nos bens deste mundo, sem se lembrar de que estão feitos para o conduzir ao Criador. Pode suceder alguma vez, que diante da experiência de pessoas que, afastadas de Deus, parecem encontrar felicidade ao dispor dos bens que desejam, surja o pensamento de que a união com Deus não é a única fonte de alegria plena. Mas não nos devemos enganar. Trata-se de uma felicidade inconsistente, superficial e não isenta de inquietações. Essas mesmas pessoas seriam incomparavelmente mais felizes, já nesta terra e depois plenamente no Céu, se tratassem a Deus e ordenassem para a Sua glória o uso desses bens. A sua felicidade

deixaria de ser uma felicidade frágil, exposta a muitas eventualidades e não temeriam – com esse temor que lhes tira a paz – que viessem a faltar-lhes uns ou outros bens, nem os assustaria a realidade da dor e da morte.

As bem-aventuranças do Sermão da montanha — **bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos…, os que têm fome e sede de justiça…, os que sofrem perseguição por causa da justiça…**[7] — mostram que a plena felicidade a *bem-aventurança* não se encontra nos bens deste mundo. S. Josemaria ficava magoado porque, às vezes, ***se enganam as almas. Fala-se-lhes de uma libertação que não é a de Cristo. Os ensinamentos de Jesus, o Seu Sermão da Montanha, essas bem-***

aventuranças que são um poema do amor divino, ignoram-se. Só se procura uma felicidade terrena, que não é possível alcançar neste mundo[8].

As palavras do Senhor não justificam, no entanto, uma visão negativa dos bens terrenos, como se fossem maus ou impedimento para alcançar o Céu. Não são obstáculo, mas matéria de santificação e o Senhor não convida a recusá-los. Ensina, antes, que o *único necessário* [9] para a santidade e a felicidade é amar a Deus. Quem não dispõe desses bens ou quem sofre, deve saber não só que a alegria plena pertence ao Céu, mas que já nesta terra é "bem-aventurado" – pode ter uma antecipação da felicidade do Céu – porque a dor e, em geral, a carência de um bem, tem valor redentor se se acolhe por amor à Vontade do nosso Pai Deus, que tudo ordena para o nosso

bem[10].Procurar o bem-estar material para os que nos rodeiam é muito agradável a Deus, é uma forma maravilhosa de embeber de caridade as realidades temporais e é perfeitamente compatível com a atitude pessoal de desprendimento que o Senhor nos ensinou.

Mentalidade laical, com alma sacerdotal

Um filho de Deus há-de ter **alma sacerdotal**, porque foi feito participante do sacerdócio de Cristo para co-redimir com Ele. Nos fiéis do Opus Dei, por estarem chamados a santificar-se no meio do mundo, esta caraterística encontra-se intrinsecamente unida à **mentalidade laical**, que leva a realizar o trabalho e os diversos afazeres com competência, de acordo com as suas leis próprias, queridas por Deus[11].

No âmbito básico das normas de moral profissional, que interessa cuidar delicadamente como pressuposto necessário para santificar o trabalho, há muitos modos de levar a cabo as tarefas humanas de acordo com o querer de Deus. Dentro das leis próprias de cada atividade, e na ampla perspetiva que abre a moral cristã, há muitas opções, todas elas santificáveis, entre as quais cada um pode escolher com responsabilidade e liberdade pessoais, respeitando a liberdade dos outros. Essa liberdade intransferível faz com que a participação de cada um na vida social – no lar, no trabalho, na convivência – seja única, original e irrepetível, como é irrepetível a resposta ao amor a Deus de cada alma. Não devemos privar a família humana do bom exercício da nossa liberdade, fonte de iniciativas de serviço aos outros para a glória de Deus. O Fundador do Opus Dei

ensinou que assumir profundamente este facto é caraterística essencial do espírito da Obra. ***Liberdade, meus filhos, liberdade, que é a chave dessa mentalidade laical que todos temos no Opus Dei***[12].

A alma sacerdotal e a mentalidade laical são dois aspetos inseparáveis no caminho de santidade que S. Josemaria ensina. ***Em tudo e sempre temos que ter – tanto os sacerdotes como os leigos – alma verdadeiramente sacerdotal e mentalidade plenamente laical, para que possamos entender e exercitar na nossa vida pessoal aquela liberdade de que gozamos na esfera da Igreja e nas coisas temporais, considerando-nos ao mesmo tempo cidadãos da cidade de Deus (cfr. Ef2,19) e da cidade dos homens***[13].

Para ser fermento de espírito cristão na sociedade é preciso que na nossa

vida se cumpra esta união, de modo que todos os nossos afazeres profissionais, realizados com mentalidade laical, estejam empapados de alma sacerdotal.

Sinal claro desta união é pôr em primeiro lugar o trato com Deus, a piedade, que para um filho de Deus se pode concretizar no cumprimento de um plano de vida espiritual. Necessitamos de alimentar o Amor como impulso vital da nossa vida, porque não é possível trabalhar realmente para Deus sem uma vida interior cada vez mais profunda. Como recordava S. Josemaria: ***Se não tiverdes vida interior, ao dedicar-vos ao vosso trabalho, em lugar de o divinizar, poderia suceder-vos o que sucede ao ferro, quando está vermelho e se mete em água fria: destempera-se e apaga-se. Deveis ter um fogo que venha de dentro, que não se apague, que incendeie tudo aquilo em que toque. Por isso***

pude dizer que não quero nenhuma obra, nenhum trabalho, se os meus filhos não melhoram nele. Meço a eficácia e o valor das obras, pelo grau de santidade que adquirem os instrumentos que as realizam.

Com o mesmo vigor com que antes vos convidava a trabalhar e a trabalhar bem, sem medo ao cansaço; com essa mesma insistência, vos convido agora a ter vida interior. Nunca me cansarei de o repetir: as nossas Normas de piedade, a nossa oração, são o primeiro. Sem a luta ascética, a nossa vida não valeria nada, seríamos ineficazes, ovelhas sem pastor, cegos que guiam outros cegos (cfr. **Mt** ***9, 36; 15, 4)*** [14].

Para que o fermento não se desvirtue, tem de ter a força de Deus. Deus é que transforma. Só quando

permanecemos unidos a Ele somos verdadeiramente fermento de santidade. De outro modo estaremos na massa como simples massa, sem contribuir com o que se espera da levedura. O empenho por cuidar de um plano de vida espiritual acabará por produzir o milagre da ação transformadora de Deus: primeiro em nós mesmos, por ser esse plano um caminho de união com Ele e, como consequência, nos outros, na sociedade inteira.

---

[1] Concílio Vaticano II, *Lumen gentium*, n. 31; cf. S. João Paulo II, *Christifideles laici*, n. 15.

[2] *Ibid*.

[3] S. Josemaria, *Carta 9-I-1959*, n. 19, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid

2010, p. 439. Cfr. *Cristo que passa*, nn. 95-101.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 740.

[5] *Epistola ad Diognetum*, 6.

[6] S. Josemaria, *Sulco*, n. 302.

[7] Mt 5, 3 ss.

[8] S. Josemaria, *Apontamentos de uma meditação*, 25-XII-1972, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, III, Rialp, Madrid 2013, p. 125.

[9] Lc 10, 42.

[10] cf. Rom 8, 28.

[11] cf. Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 36.

[12] S. Josemaria, *Carta 29-IX-1957*, citado por A. Cataneo,. *Tracce per una spiritualità laicale offerte*

dall'omelia Amare il mondo appassionatamente, em revista "Annales Theologici" 16 (2002)128.

[13] S. Josemaria, *Carta 2-II-1945*, n. 1, em A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, II, Rialp, Madrid 2002, p. 670.

[14] S. Josemaria, *Carta 15-X-1948*, n. 20, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*,III, Rialp, Madrid 2013, p. 210.

J. López Díaz e C. Ruíz (2004 – revisto julho 2014)

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://opusdei.org/pt-pt/article/a-forca-do-fermento/ (13/12/2025)